

Annie Ernaux e a educação: ficção, autobiografia e compreensão sociológica

Denice Barbara Catani

Arte sobre foto de Vectorfusionart/123RF



resumo

Mediante a leitura de dois livros de Annie Ernaux, o texto discute problemas relativos à natureza do conhecimento do social presente na literatura. Reflete sobre os saberes da literatura e da autobiografia e sobre partilhas possíveis entre a educação, a literatura e as ciências humanas. Nessas obras, a autora retoma histórias de sua formação: aprendizado formal e informal e suas vicissitudes na escola e na família. A progressiva distância que se impõe entre ela e seus familiares, conforme avança sua educação formal e se afasta da condição de origem. A reconstrução do tempo vivido questiona as relações entre o individual e o coletivo e promove reflexões sobre sentimentos, emoções, trabalho, projetos de vida. As obras circulam impregnadas por interpretações e lembranças que se produzem nos cruzamentos entre sociologia e literatura, ancorando-se no pensamento de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: literatura; educação; Annie Ernaux; Pierre Bourdieu; autobiografia.

abstract

Through the reading of two books by Annie Ernaux, this text discusses issues related to the nature of knowledge of the social present in literature. It reflects on the knowledge of literature and autobiography and on a possible exchange between education, literature and the human sciences. In these works, the author readdresses stories of her background: formal and informal learning and her vicissitudes at school and in the family, and the progressive distance that imposes itself between her and her family, as her formal education advances and moves away from its original condition. The reconstruction of the time lived poses questions on the relationships between the individual and the collective and promotes reflections on feelings, emotions, work and life projects. The works circulate while being imbued with interpretations and remembrances that are produced at the crossroads between sociology and literature, anchoring themselves in the thought of Pierre Bourdieu.

Keywords: literature; education; Annie Ernaux; Pierre Bourdieu; autobiography.

Para Dom Flávio, pela sua presença forte na escrita da minha “nova história” (ficcional, quase literária, sociológica, educacional?)

“A ficção não é, a meu ver, o ato de inventar mundos que não existem. Ela faz parte integrante de nosso mundo e mais, de nossa maneira de fazer o mundo. Ela é uma estrutura de racionalidade.”
(Jacques Rancière)

“Perdemos a paixão pela boa escrita e pelo estilo, face visível de um trabalho íntimo e rigoroso de perscrutar o mundo.”
(Mary Gaitskill)

Muitas vezes nos perguntamos sobre a natureza dos conhecimentos educacionais: estudos, pesquisas, prescrições e suas articulações com as ciências humanas e a eventual autonomia dos saberes que são produzidos acerca dos fenômenos de aprendizagem, formação, ensino e vida escolar, entre mais. Daí surgem algumas dificuldades quanto ao que é melhor, nesses domínios, para o aumento do nosso entendimento e para a invenção de práticas férteis e justas. Mediante a leitura dos livros de Annie Ernaux *O lugar* (original de 1983; no Brasil, 2021) e *A vergonha* (original de 1997; no Brasil, 2022) pre-

tende-se colocar em cena os problemas relativos à natureza do conhecimento do social presente na literatura. Interessa-nos, especialmente, pensar questões educacionais em conexão com os escritos literários. E como não poderia deixar de ser, pensar efeitos das leituras sobre a formação.

Antoine Compagnon, em sua aula inaugural no Collège de France no final do ano de 2006, apresentou indagações que nos tocam diretamente a partir do título de sua conferência. *Literatura para quê?* foi a sua pergunta central (Compagnon, 2009). Em admirável incursão pela história das concepções da literatura e dos sentidos da leitura, o autor desdobra sua questão em outras vitais para a educação.

DENICE BARBARA CATANI é professora titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Lembro algumas: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir no mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (Compagnon, 2009, p. 20). Noutra passagem, indaga-se sobre a pertinência dela para a vida: “Qual é a sua força, não somente de prazer, mas de conhecimento, não somente de evasão, mas também de ação?” (Compagnon, 2009, p. 24).

Annie Ernaux é uma escritora francesa que retoma, em algumas de suas obras, histórias de sua formação e do aprendizado formal e informal na escola, na família, na vida social, e a progressiva distância que se impõe entre ela e seus familiares, conforme avança em sua educação formal e se afasta da condição de origem, as classes populares. Em seu livro *O lugar*, a reconstrução do tempo vivido incide sobre as relações entre o individual e o coletivo, levando a reflexões que envolvem sentimentos, emoções, trabalho, projetos de vida e condição de classe. A autora não se restringe a descrever a vida como sequência de eventos, assim, muitos aspectos são sugeridos e temporalidades se inventam na e pela escrita. Como as suas reconstruções podem nos ajudar a compreender aspectos dos processos formativos? A educação? Ela pode, certamente, recorrer à literatura, à ficção ou à autobiografia. Importantes dimensões teóricas surgem dessa perspectiva. E como podem contribuir para a área dos estudos educacionais?

As reflexões aqui apresentadas foram elaboradas e lidas publicamente, numa primeira versão, no primeiro semestre de 2022, quando ainda não havia sido anun-

ciada a premiação da autora com o Nobel de Literatura. Foi também nesse ano que se publicou o livro *A vergonha*. Neste, há muitas referências explícitas à educação formal e informal, bem como memórias impregnadas pelas interpretações de Pierre Bourdieu sem que, obviamente, sejam reproduzidas as palavras do sociólogo, assim como na obra *O lugar*. Em muitas situações antes e depois da premiação, Ernaux mencionou sua relação com a obra desse pensador dando conta de uma apropriação visceral, se assim se pode dizer, que a conduziu na produção de escritos “autossociobiográficos”¹, que é como ela denomina parte de sua obra literária. E, justamente, a parte para a qual se volta a atenção neste texto.

Para além das importantes perguntas relacionadas ao ensino e aprendizagem formais das diferentes áreas de conhecimento, a ideia de valorizar e insistir sobre dimensões não explícitas dos processos educacionais é, de fato, um ponto crucial a ser enfrentado pelas pedagogias e pelos estudos educacionais, de modo geral. E é nesse quadro que se vislumbram e se identificam possibilidades formativas para as leituras de obras literárias (e, também, autobiográficas e memorialísticas). Não se trata de pensar em leituras modelares, no sentido dessas obras fornecerem padrões de excelência a serem reproduzidos ou

1 A expressão “autossociobiográfico” aparece em Ernaux (2022, p. 23) na passagem em que enuncia sua objeção ao uso do termo “relato autobiográfico” por considerá-lo insuficiente e redutor. A entrevista fornece muitas ideias para sustentar o emprego da primeira expressão pelo que ela amplia de entendimento sobre a construção do texto, valendo-se de uma intermediação da compreensão sociológica que se fará presente em seus escritos.

copiados. Trata-se, sim, de privilegiar o contato com narrativas que podem constituir exemplos de casos que integram ou integraram o mundo como materialidades ou potencialidades, ou como os dois modos de existência em simultâneo; ou casos que foram imaginados como formas de habitar o mundo, relacionar-se, produzir, sofrer, construir e cuidar, dentre mais. Se a literatura nos oferece esses contatos de modos potentes e atrativos e um inegável exemplo de conhecimento do social em modalidades diversas, permitindo, muitas vezes, desvelar aspectos insuspeitos da realidade e de suas formas de vida, ela pode, certamente, contribuir para as dimensões formativas que se fazem (ou devem se fazer) presentes nos processos educativos e ultrapassam, em muitos sentidos, os níveis explícitos das disciplinas escolares. É a partir desse ancoradouro que se sustenta muito do que se elabora aqui.

Não penso que os saberes sobre educação/ensino devam resultar apenas dos empreendimentos ditos científicos, das pesquisas ou das derivações a partir das ciências (psicologia, sociologia etc.), nem necessariamente apenas a partir de descrições mais ou menos rigorosas do trabalho docente, das aprendizagens ou da vida escolar. Digo isso por acreditar que, como atividade humana, a educação tem muito a se valer da filosofia, das artes, da literatura. Penso que os estudos educacionais ganham muito quando não partilham dessa espécie de “inimizade fictícia” (usando uma expressão de Compagnon) entre a literatura e a produção científica.

A ideia de procurar entender, mediante a literatura, dimensões variadas de nossas

experiências, inclusive as que se dão na escola e pela escola, ou ainda, nos processos de formação em geral, ancora-se em diversos estudos (Catani, 1990-1991; Larrosa, 2019; Lima & Menezes, 2022). Nesse sentido, as descrições de experiências vividas pelos outros, sob a forma de autobiografias, relatos memorialísticos e de formação, podem também ser especialmente férteis no domínio educacional. Temos tentado desde os anos de 1990, justamente, criar modalidades de práticas de educação docente que, partindo de obras literárias das mais diversas, estimulem o pensamento sobre os sentidos pessoais assumidos pela vida escolar, pela formação dentro e fora da escola e pelas relações que se desenvolvem com os conhecimentos, em suas diferentes áreas, com a leitura e com os próprios atos de ensino e aprendizagem nas histórias da vida dos que são professores ou se preparam para o magistério. Tudo isso, supondo que essas sejam dimensões vitais para a atenção que educadores devem ter na concretização do seu trabalho, e supondo que a análise das próprias experiências seja também um espaço privilegiado para o desenvolvimento da compreensão do outro.

Ao unir os termos ficção, autobiografia e compreensão sociológica, o título desta intervenção prepara caminhos para respostas à pergunta que lhe segue: “E a educação?”. E pode encontrar resistências justamente da parte dos que desacreditam da literatura como forma privilegiada de conhecimento do social e dos que desacreditam do valor do entendimento de si enraizado na compreensão do social. Igualmente, pode encontrar resistências dos que concebem esta ideia como uma

apropriação limitante na apreensão da arte literária. Eles ainda existem. Mas sabemos que ficções e autoficções são tecidas como buscas de saber. Não pretendemos mostrá-las como rivais das ciências para os estudos educacionais, porém como convergentes em muitas possibilidades, conforme já se assinalou.

DE ANNIE ERNAUX E DOS SEUS LIVROS

Informações biográficas de Annie Ernaux passaram a ser divulgadas entre nós há pouco tempo e, em grande medida, em função da tradução brasileira de cinco de suas obras. A jovem e inovadora Editora Fósforo, de São Paulo, publicou-as: *O lugar* (em 2021, embora o original francês seja datado de 1983), *Os anos* (2021, editado originalmente em 2008), *O acontecimento* (em 2022, com edição em francês datada de 2000) e *A vergonha* (com publicação francesa datada de 1997 e brasileira, de 2022). Também *O jovem* aqui se editou em 2022, mesmo ano da edição francesa, embora seja datado pela autora como escrito entre 1998 e 2000. Nascida em 1940, tem uma obra bastante grande, com mais de 20 livros reconhecidos pela crítica, com muitas premiações e edições (e com numerosos exemplares vendidos) em diversos idiomas. Foi professora ao longo de sua vida e seus livros são entendidos por alguns como autoficção, embora ela faça restrições a essa nomeação. Difícil classificar, porém ao alcance de nosso entendimento: os romances abrigam fatos da vida da autora, refeitos num trabalho de memória

e mesclados à invenção ou criação pela escrita literária. E, no seu caso, valendo-se dos entrecruzamentos da sociologia, história e literatura.

O lugar e *A vergonha* são aqui retomados e gostaria que isso funcionasse como um convite à leitura dos livros e um estímulo ao exercício de elaboração de uma espécie de “socioanálise” em primeira pessoa para professores atuantes ou em formação. Ernaux não é a única a beneficiar-se dos escritos de Pierre Bourdieu para a compreensão literária de si. Ela nos dá notícia, em entrevistas e em escrito já publicado, do quanto a obra de Bourdieu permitiu uma percepção fecunda de sua história pessoal e impregnou sua escrita (Ernaux, 2013). Não se pode esquecer, por exemplo, de Didier Eribon, que elabora um entendimento de sua formação e experiências de vida impregnado pelas ideias do sociólogo em *Retorno a Reims* (com original de 2009 e edição brasileira de 2020, pela também jovem e promissora Editora Âyiné, de Minas Gerais). Neste, ele se empenha em entender seu pensamento e suas ações, os de seu pai e de sua mãe, as posições políticas por eles assumidas e um tanto da lógica da vida dos indivíduos das classes populares quanto às apreciações morais das orientações de gênero. Em perspectiva convergente, pode-se, certamente, mencionar os livros de Édouard Louis, *O fim de Eddy* e *História da violência* (traduzidos no Brasil pela Editora Planeta respectivamente em 2018 e 2020). Em todas essas produções, as marcas das leituras de Bourdieu são perceptíveis.

Convém sublinhar que, retomando e até adiantando fatos contidos nos livros de Ernaux, creio que não estarei, com isso,

estragando o prazer da leitura. As características de sua escrita e criação, a precisão e a economia das palavras e explicações merecem ser conhecidas por si e não, apenas, por qualquer relato que seja. Daí o convite à leitura. Mas preciso adiantar algo, se quero sustentar as ideias que apresentei no início e ir além na defesa dessa obra para pensar a educação. Do que fala *O lugar*? É a história de uma formação? A história da relação com um pai? Uma história de afetos familiares transfigurados pela educação recebida na escola? A história de uma ascensão social pela educação? Respondo afirmativamente a todas essas indagações e fico com a sensação de não dizer o suficiente. Tentarei explicar mais e melhor e, assim, fortalecer a ideia da importância da leitura de Ernaux para análises acerca da produção de conhecimentos em educação e para o desenvolvimento de processos formativos.

Partamos da clivagem existente entre o mundo familiar e a vida escolar, em muitos casos, para muitas crianças e adolescentes. Clivagens do mundo social retraduzidas no interior da escola, e que se transfiguram em categorias de apreciação e exigências, por vezes, difíceis de serem cumpridas por crianças que experimentam realidades bastante diferentes em suas casas. No Brasil, muito já se investigou sobre isso e, dentre os trabalhos importantes e pioneiros entre nós basta lembrar os de Maria Helena Souza Patto desde os anos 1980. Também já foram estudados os casos nos quais a coincidência ou o ajustamento entre esses dois mundos conduz ao êxito nos aprendizados escolares e nas trajetórias sociais. Os caminhos e descaminhos, as aproximações e os afastamentos do êxito e dos fracassos individuais constituem materiais

de amplos estudos que invocam o mérito, as competências e as peculiaridades das trajetórias de membros integrantes das classes populares, por exemplo. Bernard Lahire (2004) tem, a propósito, importantes contribuições a oferecer. No entanto, parece ainda haver muito a compreender sobre as formas de experimentar os fracassos e sobre as ressonâncias pessoais que daí decorrem.

A sociologia à qual nos referimos no título é tomada aqui, na obra de Pierre Bourdieu (1930-2002), por Annie Ernaux e pela motivação para a escrita deste texto. As questões aqui tratadas beneficiam-se das teorias e desdobramentos das ideias desse autor, que têm se mostrado muito fecundas desde as décadas de 1960 e 1970, com a publicação dos livros *Os herdeiros: os estudantes e a cultura* (1964) e *A reprodução* (1970). Estas obras discutiram, de modo bastante original, naquele momento, as articulações entre a educação, as condições socioeconômicas e a perpetuação das formas de dominação, dando especial relevo aos processos e práticas que acontecem na vida escolar, tais como exames, avaliações, comunicação entre professores e alunos, relações pedagógicas e muito mais. A obra de Bourdieu é vasta e sua potência se estende para muitas outras ciências humanas, tendo voltado a atenção para o Estado, a linguagem, o gosto, as artes e os museus, a literatura, os esportes, dentre outras áreas. Como toda grande obra, a sua enfrentou resistências e gerou polêmicas. Principalmente pelo seu empenho em dar a conhecer os determinantes impensados dos nossos comportamentos e as inúmeras relações entre o social, o individual e os

mecanismos menos evidentes de reprodução da dominação de classes. Além de sua aposta em que, mediante o conhecimento do social, podemos transformar as relações com o mundo e os indivíduos. Embora essa formulação, feita aqui dessa maneira, desconectada dos argumentos que a sustentam na explicação original, tenha certo tom de obviedade, o fato é que nem sempre a consideramos em seu potencial estruturante para a busca de uma vida mais justa. E, acredito, é nessa perspectiva que ciência, arte e educação deveriam colocar seus saberes – em partilha e em prol de todos.

Antes de prosseguir, vale lembrar que a compreensão e a apropriação da obra de Bourdieu pelos estudos educacionais no Brasil foram objeto de análise (Catani, Catani & Pereira, 2001). A leitura sistemática de seus trabalhos permite observar as maneiras pelas quais ele aceitou, recusou e estabeleceu relações com formulações clássicas de sua área, redefinindo alguns conceitos e elaborando novos. Menciono isso, com base na constatação de que alguns na área educacional, por vezes, deixam de levar em conta o alcance, as retificações e a extensão de suas proposições, inclusive no que tange não apenas a esta área, mas também à sociologia do conhecimento, à literatura e às histórias de vida como meios de conhecer (Catani, 2022).

D'O LUGAR

Na obra *O lugar*, Ernaux toma um caso de êxito escolar e tenta compreender, em primeira pessoa, o custo afetivo e emocional dos ajustes necessários para uma

mulher de família pobre adentrar uma realidade social diferente daquela de sua origem. Ao valer-se do título *O lugar*, na década de 1980, a autora deixa entrever, desde o início, algo do seu entendimento sobre os efeitos da superposição e dos cruzamentos dos lugares geográficos e dos lugares sociais ocupados pelos indivíduos em momentos diversos de suas existências. Ao tratar dos descompassos entre o seu universo familiar e a sua ascensão social pela escola, é evidente que ela não faz uma análise sociológica, no sentido literal da expressão. Mas movimentava seu pensamento refletindo com Pierre Bourdieu. E ela mesma já disse que o espaço de sua escrita fica entre a literatura, a sociologia e a história.

Quer se defina por essas aproximações, quer por seus afastamentos com relação a uma autobiografia romanceada tradicional, o fato é que *O lugar*, como muitas grandes obras, nos conduz de maneira rápida e fecunda à retomada de nossas experiências, à análise de “nossos lugares”, à história que podemos reconstruir de modo intimamente associado aos tempos e eventos que nos constituíram. Contributo decerto inestimável para os que cuidam de pessoas (e de seu futuro) em situações educativas. Movimentar seu pensamento com Bourdieu quer dizer, justamente, levar em conta o que ele ensinou sobre o poder da escola e sobre os modos pelos quais o social nos constitui até quase parecer que tudo é natural. E sabemos que aí tudo se torna injusto, ou melhor, todas as injustiças já existentes ganham maior força e geram outras. Conceitos ou teorias não são mencionados, e essa espécie de “sociologia de si” ou, como que-

rem alguns, “introspecção sociológica” é tecida de um ponto de vista literário, autoficcional, se assim é possível dizer, uma vez que a autora pensa ser este um termo limitante (Ernaux, 2013).

Na tentativa de entender o modo de recompor suas lembranças e indagar os seus sentidos, ela nos diz de sua escrita:

“Ao escrever, caminha-se no limite entre reconstruir um modo de vida em geral tratado como inferior e denunciar a condição alienante que o acompanha. Afinal, para nós, essa maneira de viver constituía a própria felicidade, mas era também a barreira humilhante de nossa condição (consciência de que ‘em casa as coisas não estão tão bem assim’). Eu gostaria de falar ao mesmo tempo dessa felicidade e da sua condição alienante. Sensação de que fico oscilando de um lado para outro dessa contradição” (Ernaux, 2021, p. 33).

As lembranças contidas no relato tecem a figura de um pai amado com relação a quem a ascensão social de Annie vai, progressivamente, criando um afastamento entre os dois e com relação à família. Alguns excertos podem mostrar, de forma paradigmática, esse processo ao longo do tempo: da infância à maturidade, num estilo muito econômico e numa escrita que descreve, reflete e pergunta sobre o próprio sentido e a lógica de escrever. Chama atenção a capacidade de condensação que caracteriza o texto. Vou me permitir mais uma longa transcrição na qual ela apresenta um tempo já da adolescência:

“Meu pai entrou na categoria das ‘pessoas simples ou modestas ou boas’. Ele

já não ousava me contar histórias de sua infância. Eu já não conversava sobre meus estudos, com exceção do latim, pois ele, quando menino, participava das missas. Fora isso, o resto lhe era incompreensível e ele sequer fingia se interessar, ao contrário de minha mãe. [...] E sempre o medo ou TALVEZ O DESEJO [maiúsculas no original] de que eu não conseguisse” (Ernaux, 2021, pp. 48-9).

É a economia dessa última afirmação que parece surpreendente. Nessas páginas, como em todo o texto, vários eventos do cotidiano de uma família pobre vão sendo recuperados, dando conta, delicadamente, de dois pontos de vista: o dele, pai, e o dela, filha, produzidos em espaços diferentes. Entre o espaço da casa e o da escola há ambiguidades e incompreensão. Ela reconstrói a linguagem do pai e da casa ou, para usar a expressão-título de uma das obras de Natália Ginsburg, “o léxico familiar”. Assim vemos surgir as frases impregnadas de lições morais e incorporadas, justamente, para dar significado à vida do operário honesto, “um homem que nunca fez mal a ninguém” no dizer do padre que assim o definiu, depois de morto.

Em *A miséria do mundo* (1993), Bourdieu e colaboradores procuraram compreender as dificuldades oriundas dos confrontos de visões de mundo diferentes em espaços físicos e sociais que as pessoas são obrigadas a partilhar, lugares que ele nomeia como “difíceis de descrever e de pensar”. Refere-se especialmente às escolas e aos conjuntos habitacionais, embora a análise não seja restrita a eles, e às diversas pequenas misérias que podem

impregnar o cotidiano das pessoas, ocasionando sofrimentos característicos da vida contemporânea. Certo está que, com Ernaux, falamos de uma história pessoal na qual o cerne do afastamento entre pessoas se dá nos confrontos do interior da casa, em meio a afetos familiares incontornáveis. Porém, é o caso de se admitir que os movimentos e os sofrimentos são da mesma natureza; os espaços produzem pontos de vista e estes são, ou parecem ser, inconciliáveis em diversas situações. Lembremo-nos da afirmação:

“[...] o mais pessoal é o mais impessoal [e] que vários dos dramas mais íntimos, dos mal-estares mais profundos, dos sofrimentos mais singulares que os homens e mulheres podem experimentar encontram seus princípios nas contradições objetivas, inscritas nas estruturas, do mercado de trabalho ou de habitação, do sistema escolar [...]” (Bourdieu, 1992, p. 173).

Para Annie Ernaux, descrever sua relação com o pai equivale a tentar não só compreender a si mesma, mas compreender os mundos sociais nos quais transitava. Também equivale a ampliar os sentidos de *lugar*, reconhecer as superposições e os distanciamentos dos lugares físicos (geográficos) e sociais (da família, da escola, das amizades e do trabalho, por exemplo); o lugar dos afetos e o das incorporações do *habitus* ligados à condição de classe e seus necessários ajustes para circular noutros meios. Tal como Bourdieu, ela falará de um *habitus* clivado pelo que foi imposto a si no trânsito de um a outro espaço, de uma a outra condição social. Cada um desses processos,

o da formação, o da compreensão ou o da percepção do alcance das relações afetivas familiares, vai se reconfigurando no livro. E, neste, os tempos deslizam das lembranças, ancoram-se nos acontecimentos e se superpõem com frequência na busca de adequação da escrita. Aqui é preciso sublinhar com Jacques Rancière que “a ficção é, em primeiro lugar, uma estruturação do tempo humano que o submete a um princípio de causalidade” (Rancière, 2021, p. 8). Neste seu ensaio sobre Guimarães Rosa, sublinha:

“Se a vida mais insignificante é digna de entrar na ficção, é na medida em que é capaz de se separar de si própria, de se ficcionar a si própria. A ficção moderna se baseia no direito de todos ficcionalizarem sua própria vida” (Rancière, 2021, p. 16).

Uma longa transcrição ajudará a entender como Annie Ernaux se viu no afastamento progressivo da família. Após uns dias passados com a mãe, em seguida à morte do pai, ela reflete:

“No trem de volta, no domingo, tentei distrair meu filho para ele ficar quieto, os viajantes de primeira classe não gostam de barulho, nem de criança agitada. De repente, pensei estupefata: ‘agora sou mesmo uma burguesa’ e ‘tarde demais’. Depois, ao longo do verão, enquanto esperava meu primeiro cargo de professora, pensei: ‘um dia terei que explicar todas essas coisas’. Ou seja, terei que escrever sobre meu pai, sobre a vida dele e sobre essa distância entre nós dois que teve início em minha adolescência. Uma distância de classe, mas bastante singular, que não

pode ser nomeada. Como um amor que se quebrou” (Ernaux, 2021, p. 14).

Seu desejo é, pela escrita, ter acesso a essa região tão íntima do “amor quebrado” e quem sabe poder aceitar com menor sofrimento as relações entre esse fato e a história exterior de sua vida. Talvez aqui caiba nos apropriarmos (mais uma vez) das palavras de Rancière:

“A ficção moderna não é a operação que faz todo mundo entrar no universo da ficção. Se ela des-hierarquiza o tempo, é, pelo contrário, marcando a linha tênue que, para cada vida, une e separa, simultaneamente, dois tempos cuja diferença é quase imperceptível: um tempo da vida vivida, um tempo ordinário que se contenta em passar, e um tempo no qual alguma coisa se passa, o tempo de uma vida que se inventa como diferente daquela a que ela estava destinada” (Rancière, 2021, p. 19).

D'A VERGONHA

Dos imperativos pessoais que a “condenam” à escrita, Ernaux nos fala ao longo de diversos livros e em *L'écriture comme un couteau* (2013), no qual diz que concebe a sua escrita como o que pode fazer de melhor em sua situação de trãnsfuga, de quem transitou de uma classe social a outra. Para ela, trata-se de um dom tanto quanto de um ato político. Em *A vergonha*, a estrondosa primeira frase escrita será o núcleo estruturante da dor e do sentimento que dominam e nomeiam o texto. “Meu pai tentou matar minha mãe num domingo de junho, no começo da

tarde” (Ernaux, 2022a, p. 9). Em muitos momentos, ela expõe suas razões para precisar escrever. Dos sentidos pessoais e coletivos partilhados pela sua escrita ela nos fala bastante. O suficiente para nos conduzir também à compreensão formulada por Eribon na obra *A sociedade como veredito*, a parte em que a escritora se faz mais presente foi nomeada pelo autor como “Ao ler Ernaux” e na edição brasileira ocupa mais de 50 páginas. Cultura, memória e conhecimento são pensados e impregnados pela produção da autora de *A vergonha*. Sem nos demorarmos demais sobre a obra de Eribon (ainda que o impulso seja forte), convém reconhecer sua potência também em unir (tal como ela), em suas reflexões, o mais pessoal ao mais universal, se é o caso de se usar o termo. Quem sabe se possa sustentar que esse seria também o traço mais marcante a nos impulsionar ao seu livro. E, igualmente, a pensar no caráter vital da leitura literária para o desenvolvimento da atenção ao outro, à diferença, às singularidades², ao espaço partilhado, ao viver junto e à sociedade.

Conforme sublinhei, inicialmente, não proponho aqui um modo “útil” de emprego da literatura apresentada modelarmente. Penso, sim, numa fruição atenta que anima a leitura pelo prazer, pelas reflexões que desencadeia, pelo estímulo ao pensamento e ao desejo de conhecer, pelo que permite que

2 Sobre a hipótese de desenvolvimento de uma “cultura da atenção” (a si e ao outro) e a consideração de “singularidades e universalidades” nos processos educativos e de formação de professores, ver artigo “Por uma pedagogia da pesquisa e da formação de professores na Universidade” (Catani, 2010).

nos situemos no mundo. É sempre possível estender essa experiência ao disponibilizá-la a todas as pessoas. E não se esquecer de um lugar privilegiado para ela ao pensar e propor formações, especialmente a dos professores. Nesse caso, não se pode esquecer que essa formação, a dos professores, se espalha e se prolonga no cotidiano do seu trabalho educativo³. Compagnon, no texto já citado, relata uma situação que observou: “Outro dia, surpreendi três meninos parados na porta de uma livraria, como se fosse um local suspeito, um deles protestava orgulhosamente: ‘Nunca abri um livro na vida. Você me faz entrar justo aí dentro!’” (Compagnon, 2009, p. 44). Multiplicaríamos, hoje, e na minha opinião com tristeza, exemplos desse mesmo tipo. O do aluno de licenciatura que, entre preocupado e um tanto irritado, dizia não entender a razão do que lhe era exigido em uma das disciplinas da área de educação: “Nunca li um livro inteiro. Para que devo fazer isto agora? Mas eu leio artigos em xerox... Não consigo ler um livro inteiro!”. Não precisamos ir além⁴.

Em *A vergonha*, Ernaux declara:

“Naturalmente não procuro fazer uma narrativa, pois produziria uma realidade em

vez de buscar uma. Também não vou me limitar a elencar e descrever as imagens da memória, mas gostaria de tratá-las como documentos que vão iluminar uns aos outros ao serem abordados de diferentes pontos de vista. Em suma, gostaria de ser etnóloga de mim mesma” (Ernaux, 2022a, p. 24).

Perguntemos ainda uma vez: por que Annie Ernaux? Por que *O lugar* e por que *A vergonha*? Ela não nos fala de algo estranho às camadas populares. Ela nos fala das sutilezas da dominação de classes alimentadas no cotidiano e daquilo que conduz os menos privilegiados a sentimentos e modos de conduta “envergonhados” de si. E fala do que conduz a uma incompreensão das origens reais de tais sentimentos. *A vergonha* de Ernaux não é (embora simbolicamente o seja) apenas a do pai que agride a mãe, mas diz respeito à sua situação e posição de classe. Diz respeito a tudo o que a rodeia, ao que ela é e ao que tornou a violência possível. São suas palavras, ao finalizar o texto sobre *A distinção* e para ressaltar a compreensão e a força advindas desta leitura:

“Tudo o que se viveu solitariamente, o mal-estar, a vergonha de não saber como

3 Sobre a leitura literária na escola brasileira e suas representações para professores e alunos, ver: Amparo (2021).

4 Mary Gaitskill, escritora norte-americana, também professora, fala sobre as transformações em nossos modos de assimilar conhecimentos e informações e como isso mudou a natureza da percepção. Ela nos oferece argutas observações que podem ser férteis para nossas questões: “A escrita é um processo racional que conecta pensamentos e ideias, mas as grandes produções literárias vêm de um lugar desconhecido; uma interface entre a percepção muito íntima de um indivíduo e os mundos social e natural. Está relacio-

nada à mente racional, mas do jeito como os sonhos estão ligados ao pensamento – um jeito poético e irracional. É por meios poéticos e irracionais que o mundo oculto de uma história fica radicalmente iluminado, como uma música que irrompe pode elucidar a cena de um filme ou de um programa de TV” (Gaitskill, 2022, p. 65). Talvez possamos dizer que aquilo que, no momento, nos assusta seja o risco de não conseguirmos preservar em nossas crianças sua proximidade com esta interface entre sua percepção mais íntima e os mundos social e natural. Pois não é dessa região que se fortificam as possibilidades de atenção à realidade e onde se afirmam a empatia e a confiança em si e nos outros?

falar, como se comportar, tudo o que se atribui a si mesmo como uma falha de caráter ou de personalidade, deixa de ser um estigma individual. E, nesse livro, onde o autor jamais diz ‘eu’, sempre a questão é o ‘nós’” (Ernaux, 2013, p. 48, tradução nossa).

Eribon, no encerramento da obra *A sociedade como veredito*, recupera, de uma carta de 1843 do jovem Marx, um excerto de sentido incomparável sobre a vergonha:

“A você que me olha com esse meio sorriso no rosto e diz: A vergonha não leva a nenhuma revolução! Eu respondo: A vergonha já é uma revolução [...] A vergonha é uma espécie de indignação, de indignação que se interioriza. E se toda uma nação sentisse realmente vergonha, ela seria como o leão que se encolhe para em seguida saltar sobre a presa” (Eribon, 2022, p. 325).

Eribon sublinha que não pretende concordar com a ideia de revolução tal como defendida por Marx, mas é de se imaginar que, como móvel para a indignação, a vergonha, na acepção apontada acima e no sentido que se expressa no livro de Ernaux, tenha de fato sua dimensão de força política.

Ao explicar suas relações com a obra de Bourdieu no artigo que integra o livro organizado por Édouard Louis (2013), *Pierre Bourdieu – L’insoumission en héritage*, Annie Ernaux fala de sua apropriação de *A distinção* (1979) nos seguintes termos:

“Faço parte daquelas pessoas para quem a leitura desse livro não constituiu uma

violência, mas um *reconhecimento*, pois esse trabalho imenso desvelava realidades atestadas pela minha memória, vividas mesmo em meu corpo. *A distinção* validava cientificamente o que em mim era lembrança, sensação. Eu reconhecia a separação – que é o primeiro sentido da palavra ‘distinção’ – entre os modos de vida segundo se pertença à classe social dominante econômica e/ou culturalmente, à classe média ou à classe popular. Eu reconhecia as formas invisíveis pelas quais se exerce a dominação. [...] Mas este reconhecimento teria apenas representado um puro momento de empatia se não tivesse sido, no mesmo movimento, saber: o que eu encontrava em *A distinção* não era somente a explicação de coisas pessoalmente sentidas, era também um desvelamento total do mundo social” (Ernaux, 2013, pp. 20-1, tradução nossa).

Para ela, a leitura desse livro, quando começava a escrever sobre o pai, funcionou como “uma confirmação luminosa” de sua experiência. Não se trata de uma apropriação ingênua da obra que ela considerou difícil, mas de um reconhecimento que engendrará novos modos de compreender a história pessoal e a vida social e acompanhará, sem se evidenciar em excesso, a escrita de *O lugar* e de outras obras. A análise dos diferentes modos de vida e a tentativa de delinear um retrato da existência cotidiana das classes sociais, na França, fazem com que a escritora identifique a análise de Bourdieu também como uma obra literária.

“Aos meus olhos ela é obra literária assim como se tornaram com o tempo *O con-*

trato social ou *O espírito das leis*: por meio de uma escrita particular permeada incessantemente pela sensibilidade de seu autor, abre-se diante do leitor a descrição analítica de mundos e de olhares diferentes sobre o mundo. Ao mesmo tempo o leitor é envolvido, remetido a si mesmo, à sua vida e sua relação com os outros, é obrigado a *se situar*” (Ernaux, 2013, pp. 46-7, tradução nossa).

E é ainda na entrevista já mencionada que ela sustenta:

“Há muitos livros que têm, para mim, valor de literatura, ainda que não sejam classificados como literatura: os textos de Michel Foucault e de Bourdieu, por exemplo. É a reviravolta, a sensação de abertura, de ampliação, que faz para mim a literatura” (Ernaux, 2022b, p. 113, tradução nossa).

Ao sustentar tais ideias, ela toca no importante entrecruzamento da literatura com as ciências humanas.

Cabe ainda sublinhar a propriedade com que o capítulo d’*A vergonha* trata da escola e oferece extensa descrição da vida numa instituição católica. Cultura escolar: relações, normas, interditos, valores e gestão do tempo, por exemplo, tudo de algum modo conectado à religião, impregnaram sua educação e ela os retoma, delineando muitas observações argutas acerca da vida escolar. Fica-se, assim, sabendo de tudo o que é “bom” e de tudo o que é “mau” neste universo. Das leituras, das amizades adolescentes, das inevitáveis comparações. E também das representações que o pai e a mãe têm sobre a escola e seu sentido para a filha:

“A escola é tudo para ela” (Ernaux, 2013, p. 61, tradução nossa). Sem dúvida há ressonâncias do *Esboço de auto análise*, de Pierre Bourdieu (2005).

POR FIM...

Entre as apostas feitas aqui estava a ideia de sustentar que mediante a literatura podemos pensar mais e melhor sobre os espaços sociais e a educação. Estava também o reconhecimento de que a sociologia de Bourdieu pode nos conduzir a uma forma de autoconhecimento por nos disponibilizar elementos que desvelam o mundo no qual nos constituímos e vivemos. Igualmente, desejou-se sustentar que Annie Ernaux nos oferece, mediante sua escrita (seja como autossociobiografia, romance ou autoficção), “a descrição analítica do seu mundo e dos diferentes olhares sobre esse mundo, levando o leitor a envolver-se, a remeter-se a si mesmo, a sua vida... obrigando-o a se situar” (usando os termos que aparecem acima quando ela se propõe a falar do sentido que a obra de Bourdieu assumiu para ela). Igual a sociologia à literatura? Creio que não. Apenas quero que estejam próximas. Desejei chamar a atenção para os saberes da literatura e o seu potencial para a exemplaridade como via de compreensão da condição humana; pretendi realçar a força das ficções e pensar na paisagem dos estudos educacionais como um domínio que pode ser fortalecido por tais caminhos. Não quero que sejam esquecidas as relações entre as ciências humanas e as artes e o potencial dos saberes fronteiros para os processos educacionais ou de formação,

para não dizer mais. Digo então, como aliás já disseram, que “a ficção pode iluminar aquilo que a realidade esconde” (Benjamin Labatut). Justamente, em educação, aquelas regiões dos sentidos que se constroem para si, para o outro, para os mundos e as realidades que se integram e dos quais se deve cuidar.

Pensemos ainda com Rancière, quando nos fala dos modos de invenção de Guimarães Rosa: “Ser um habitante do sertão é saber que todo indivíduo é um pesquisador de sua própria vida, um ser habitado por palavras e ficções, um condutor de palavras

e ficções” (Rancière, 2021, p. 23). O que dessa consciência ou desse saber pode ser favorecido como uma via de entendimento dos mundos para todas as pessoas? E por que não esperar que a literatura sempre nos privilegie com esse saber? Creio que é de uma atenção para com o mundo essa maneira de se deixar habitar por palavras e ficções e ser um condutor delas. Um trabalho para a educação, decerto. Poder tornar desejável algo próximo “de uma solidariedade radical entre as invenções da literatura e aquelas que cada vida é capaz de criar” (Rancière, 2021, p. 53).

REFERÊNCIAS

- AMPARO, P. A. do. *Práticas de leitura em conflito no cotidiano escolar*. Curitiba, Appris Editora, 2021.
- BOURDIEU, P. *Esboço de auto análise*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- CATANI, A. M.; CATANI, D. B.; PEREIRA, G. R. de M. “As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 17. Rio de Janeiro, 2001, pp. 63-85.
- CATANI, D. B. “Pedagogia e museificação”. *Revista USP*, n. 8, dez.-fev./1990-1991, pp. 23-26. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i8p23-26>.
- CATANI, D. B. “Compreender e compreender-se: o campo educacional brasileiro num itinerário de leituras de Pierre Bourdieu”. *Educação e Pesquisa*, v. 48, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248254836por>.
- CATANI, D. B. “Ficções teóricas e ficções (auto) biográficas: elementos para uma reflexão sobre ciência e formação no campo educacional”, in M. H. B. Abrahão; I. F. de S. Bragança; M. da S. Araújo (orgs.). *Pesquisa (auto) biográfica, fontes e questões*. Paraná, Editora CRV, 2020, pp. 27-37.

- CATANI, D. B. "Por uma pedagogia da pesquisa educacional e da formação de professores na universidade". *Educar em Revista*, n. 37. Curitiba, maio-ago./2010, pp. 77-92. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/rvHfkNLkdw5nJyfdG4pkyQx/?lang=pt>. Acesso em: 10/3/2023.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.
- ERIBON, D. *A sociedade como veredito*. Belo Horizonte, Âyiné, 2022.
- ERIBON, D. *Retorno a Reims*. Belo Horizonte, Âyiné, 2020.
- ERNAUX, A. *L'écriture comme un couteau*. Entrevista concedida a Frédéric-Yves Jeannet. Paris, Gallimard, 2022b.
- ERNAUX, A. "La distinction, oeuvre totale et revolutionnaire", in E. Louis (org.). *Pierre Bourdieu: L'insoumission en héritage*. Paris, Presses Universitaires de France, 2013, pp. 17-48.
- ERNAUX, A. *A vergonha*. São Paulo, Fósforo, 2022a.
- ERNAUX, A. *O lugar*. São Paulo, Fósforo, 2021.
- GAITSKILL, M.; CONCEIÇÃO, R. V. da C. "O desenraizamento da literatura". *Serrote*, n. 42, nov./2022, pp. 62-70.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo, Ática, 2004.
- LARROSA, J. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.
- LIMA, A. L. G. *História da violência*. São Paulo, Planeta do Brasil, 2020.
- LIMA, A. L. G. *O fim de Eddy*. São Paulo, Planeta do Brasil, 2018.
- LIMA, A. L. G.; MENEZES, R. C. D. de (orgs.). "Contribuições da literatura para a história da educação". *Cadernos de História da Educação*, n. 21, 2022.
- RANCIÈRE, J. *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada*. Belo Horizonte, Relicário Edições, 2021.